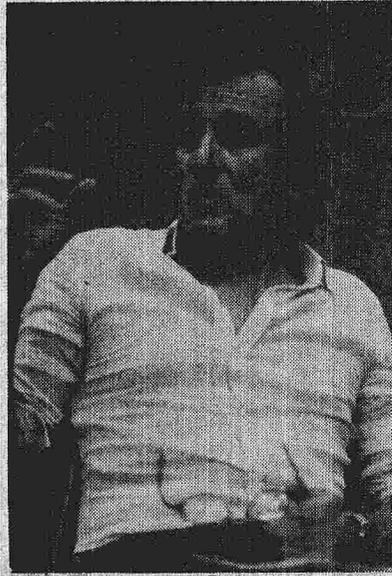


Marco Antônio Guimarães



Luiz Humberto



B. de Paiva

Candidatos querem mudanças

Maís votado na lista dos sete nomes indicados para assumir a direção da Fundação Cultural a ser encaminhada ao candidato opositorista à presidência da República,

Tancredo Neves, o jornalista, fotógrafo e arquiteto Luiz Humberto acha prematura a sugestão de nomes para o cargo. Na sua opinião, ainda há muito o que se discutir e, antes de tudo, é preciso saber primeiro quem serão o governador e o secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal.

Entretanto não invalida a iniciativa e acrescentaria à lista o nome de Deodato Rivera, coordenador dos Núcleos de Cultura do Congresso Nacional. « Apesar de nunca ter pleiteado a administração da Fundação Cultural, acho muito honrosa a sugestão do meu nome baseada na força do trabalho que venho executando. Todos os indicados são perfeitamente legítimos e podem ser bons diretores. Porém, o mais importante não são os nomes, e sim um espírito comum ».

— Acho altamente alentador esse movimento. Sinal que as pessoas acreditam na retomada da democracia. É independente de qualquer indicação, a pessoa que assumir a direção da Fundação Cultural deverá, como primeiro passo de sua atuação, fazer um levantamento sobre o pulsar cultural da cidade. Ninguém sabe o que acontece nos diversos pontos de Brasília. Aqui se confunde muito evento cultural com processo cultural. As cidades-satélites estão abandonadas. É preciso que se criem situações para que as pessoas tenham condições de fazer e buscar soluções próprias. Cultura é basicamente pensar e criar situações para que o conhecimento flua naturalmente.

Para ele, a interação é um dos fatores fundamentais para se fazer um bom trabalho. « Quem vencer desses nomes tem que contar com o apoio dos outros, senão seremos sempre uma população castrada. Não deve haver censura, nem limites para opiniões ».

— É necessário que se forme dentro da Fundação Cultural um colegiado de várias áreas do fazer, e que haja co-responsabilidade no processo. O resultado de todas as conversas deve ser do conhecimento do público. O diretor da Fundação tem que ir para a rua, de manga de camisa, ouvir as manifestações populares e não somente frequentar coquetéis de eventos culturais de terno e gravata.

Luiz Humberto afirma que não há preocupação com a formação de herdeiros para que exista realmente um processo cultural. « E a universidade deve ser colocada nesse processo. Tem que haver discussões, mesmo que seja para falar

besteiras. Do encontro das ideias sempre sai alguma coisa ».

Luiz Humberto enfatiza, ainda, a importância e a necessidade de se fazer um levantamento dos equipamentos disponíveis na cidade para produções culturais, bem como dos núcleos que atuam independentemente e com dificuldade. « Brasília dispõe de muito espaço para manifestações artístico-culturais, o que falta é uma integração e dinamização desses espaços. E por que a Fundação tem que arcar com tudo? Por que não mobilizar as associações, entidades representativas, comércio e muito, mais em torno de co-patrocínios? Todo mundo tem que agir. É impossível uma instituição arcar sozinha com o volume de produções culturais de uma cidade ».

Grande confusão

Outro nome indicado na lista a ser entregue a Tancredo é o do documentarista Marco Antônio Guimarães, que trabalhou, de 1970 a 1979, na Fundação Cultural, onde, a partir de 1974, assumiu uma assessoria voltada para a política de cinema, que, na sua opinião, consolidou-se num trabalho bem sucedido. Ele também alega não ter pretensões em administrar a Fundação Cultural, mas afirma que participa do movimento com a intenção de resolver « a grande confusão que se constitui hoje a política cultural de Brasília ».

— Não abro mão dessa possibilidade de, todos juntos, fazermos alguma coisa por Brasília. Sempre houve movimentos nesse sentido, mas acredito mais nesse momento que atravessamos. Não é só administrativamente que a cidade funciona. Aqui há uma vida intensa. Muito embora não acredite que a Fundação Cultural vá resolver sozinha os problemas culturais de Brasília, pois ela só vai funcionar quando todos se unirem. Principalmente partindo das escolas.

Marco Antônio acredita que não há necessidade de se criar mais espaço cultural. « Durante as reuniões, chegou-se a falar na construção de galpões nas cidades-satélites. Mas não precisa, basta que abram e equipem as escolas, transformando-as em espaços polivalentes ».

— Há dez anos em Brasília, tenho sentido violentamente a repressão e a perspectiva da Fundação em transformar eventos culturais em sociais. Nunca permitiram a participação ativa dos artistas, vistos sempre como marginais alijados do processo cultural, embora nunca tenham deixado de fazê-lo.

Sob o seu ponto de vista, o que a Secretaria de Educação e Cultura

do DF tem que fazer é entrosar as fundações Cultural e Educacional para resolver coisas importantes na cidade. « Não se transforma o homem apenas ensinando a ler e não se pode jogar fora o potencial de quem tem contribuído ».

Comunidade apática

Para o diretor e ator de teatro B. de Paiva, outra figura indicada na lista, « sem desmerecer os demais », os nomes de maior respeito apontados para a direção da Fundação Cultural são o de Wladimir Murinho, com quem já trabalhou, e o de Maria Duarte, com quem participou de um curso de gerência cultural. « Ferreira Goulart é uma indicação hipotética. Não sei se ele estaria disposto ».

— Acho que a comunidade deveria deixar de ser apática e se aproximar mais das discussões. As pessoas já tiveram muito tempo para consubstanciar ideias. Os debates em torno do processo cultural da cidade extrapolam às quadras, à utilização de espaços ociosos. É necessário um universo cultural com mais força na Secretaria de Educação e Cultura, e que os espaços culturais sejam pertencentes ao povo.

Segundo B. de Paiva, o povo precisa ficar sabendo para onde vai o dinheiro destinado a manifestações culturais nesse país. « Há ministérios que não têm nada a ver com cultura que gastam fortuna com eventos do gênero atendendo a interesses de meia dúzia de diletantistas ».

— Na verdade, só existe um único espaço cultural nesta cidade: a feira da Torre de Televisão. No entanto, um dos maiores artesãos da Torre, o Silvino, foi assassinado no mês passado e ninguém falou nisso. A Universidade de Brasília demitiu a professora Helena Barcelos, justamente por ela ter assumido uma posição em defesa da cultura e não houve qualquer manifestação. Há muitos espaços, cinemas com máquinas quebradas, enquanto há ministérios com equipamentos ociosos. A comunidade tem que participar para exigir.

Futuramente, a comunidade brasiliense será convidada a participar de um painel com a presença das sete pessoas indicadas para a diretoria da Fundação Cultural do DF. Na oportunidade todos serão ouvidos a respeito do que esperam da atuação do próximo administrador da instituição.

Convidada a se manifestar sobre a mobilização, a secretária de Educação e Cultura do DF, Eurides Brito, alegou falta de tempo, pois encontra-se muito ocupada com despachos no Conselho Federal de Educação.